

# arquitectura



102

# DESENHO DE INTERIORES

## COMENTÁRIO DE JOÃO LEAL

# O NOVO CASINO ESTORIL

Desenho de interiores de:  
José Espinho  
e Daciano M. da Costa

A International Federation of Interior Designers (IFI) no seu último congresso em Amesterdão pedia a cooperação entre interior designers, arquitectos e urbanistas, insistindo no facto que os seus campos de actividade não são diferentes, mas antes partes inter-relacionadas de todo um mundo criado pelo homem. Infelizmente, na maior parte dos casos, o designer de interiores limita-se a «vestir» um determinado lugar ou espaço em vez de ser incluído desde o princípio no «planning team», como se lamentava recentemente num dos comentários da habitual secção «Interior Design» da revista inglesa «The Architectural Review».

Deve-se justamente a Hugh Casson, membro da direcção da AR, o ter dado, no seu país, identidade como uma profissão e uma forma de arte ao interior design.<sup>(1)</sup>

O interesse posto últimamente no desenho de interiores tem levantado certas dúvidas sobre a sua natureza e fins. Uma clara visão dos problemas não é de esperar na presente fase de uma profissão emergente. Posições extremas são encaradas: o arquitecto, com plena justificação, suspeita do Desenho de Interiores como uma *maquillage* superficial; o designer de interiores, com não

menor justificação, acusa o arquitecto de falta de sensibilidade. Isto deve-se, em parte, à ausência de uma clara definição de termos de referência. A verdadeira vocação do designer de interiores é, para muitos, a da sua integração como membro de equipa do design de ambiente.

No desenho de interiores — afirma H. Casson — que é essencialmente expressão física de atmosfera, as principais qualidades exigidas ao designer são *perspicácia* e *inspiração*. É justamente por estas duas qualidades, que considera insubstituíveis em qualquer arte, que «o arquitecto educado a suspeitar delas é muitas vezes tão deploravelmente débil». É talvez essa debilidade que, em parte, ajuda a explicar a razão porque muitos arquitectos se recusam a acreditar que uma actividade como o desenho de interiores existe realmente. H. Casson considera mais defensável a atitude do arquitecto que considera simplesmente que a arquitectura — interpretada como manuseamento imaginativo do espaço — é desenho de interior.

No mesmo volume é incluído um capítulo sobre a percepção do espaço pelo Professor C. A. Mace. Acerca deste fascinante

campo de estudo nós conhecemos ainda muito pouco. Os arquitectos — comenta H. Casson — parecem aceitar sem escrúpulos o seu papel de criadores do nosso ambiente humano, mas, lembrando o que repetidas vezes Peter Manning tem dito, não existe nada na sua preparação ou experiência pessoal que pareça particularmente adaptada para essa tarefa que a si próprio se impôs.

O arquitecto e o designer, frequentemente, como artistas estão mais preocupados com a arbitrariedade e os próprios critérios de criação ou, como técnicos, estão persuadidos que existe uma solução técnica para qualquer problema.

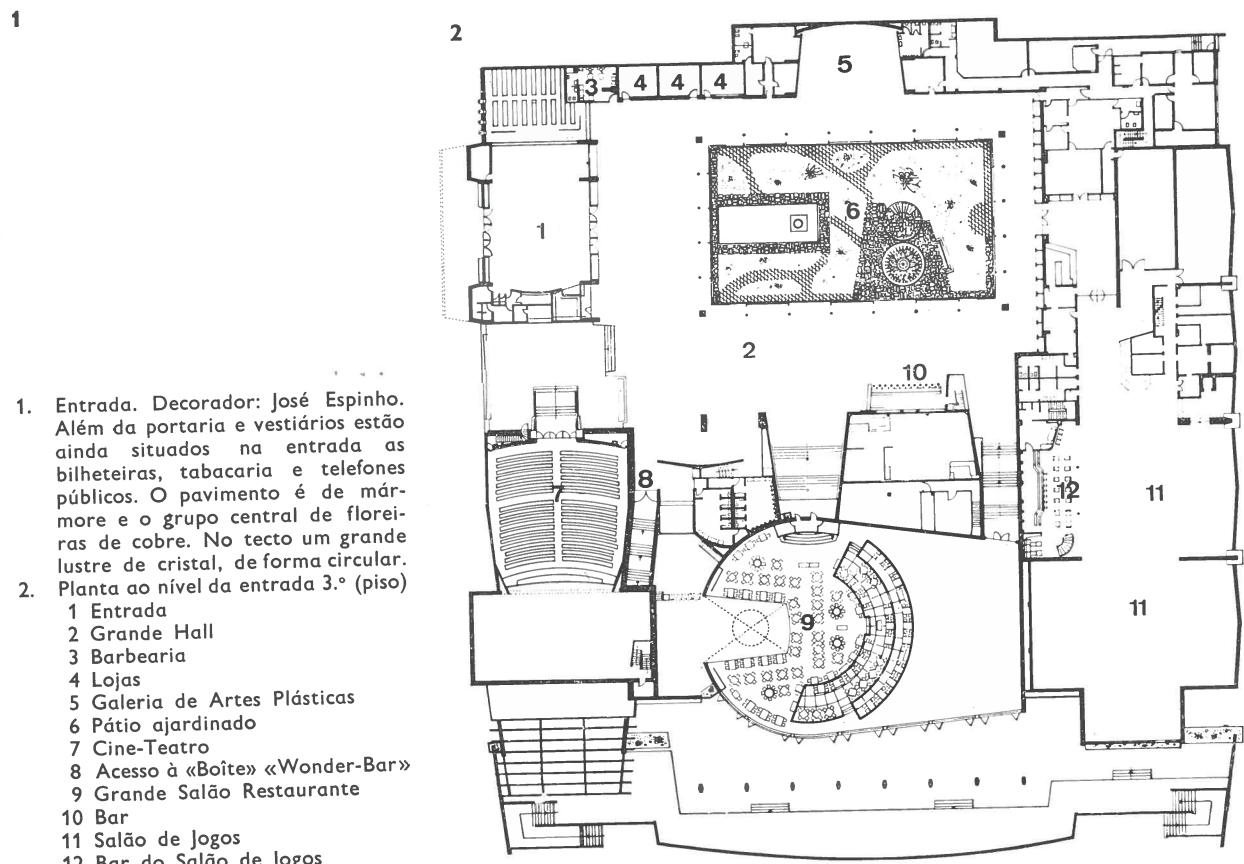
A faculdade criadora humana raras vezes está restringida apenas à acção de especialistas. Criar um interior (como um edifício ou uma cidade) não é um acto insólito, mas um processo, no qual a contribuição dos utentes tem de ser reconhecida. E o cliente — seja ele banqueiro, comerciante, hoteleiro — deve ter direito a ser ouvido e encorajado a dar a sua válida contribuição. O espaço deve ser concebido de molde a criar as suas próprias emoções. Mas estas podem significar coisas diversas para diferentes pessoas de diferentes idades e em desiguais

circunstâncias. Por ele próprio o designer não pode criar o êxito, pode sim criar as condições nas quais o êxito possa ser encontrado.

No novo Casino Estoril, como em alguma das obras que têm sido apresentadas últimamente nas nossas páginas, [particularmente as que se relacionam com o turismo, temos prestado uma atenção especial aos interiores. Não, evidentemente, por acaso, mas pela importância que os interiores tomam nestes tipos de edifícios e porque acreditamos ser o desenho de interiores um importante campo de actividade. Aqui, nesta obra do Casino, os interiores ganham um valor insuspeito. A contribuição dos projectistas dos interiores é um passo mais para a nossa experiência neste campo. Discutível? Sem dúvida, como todas as obras. Mas a discussão deverá apontar, antes de mais, o rumo das próprias relações do desenho de interiores com a arquitectura e a natureza e os fins daquele. É o que se tentou levantar neste breve apontamento.

(1) *Inscape* edited by Hugh Casson. Architectural Press. 1968.

# CASINO ESTORIL



## Arquitectos

Filipe Nobre de Figueiredo  
José de Almeida Segurado

## Desenho de interiores

José Espinho  
Daciano Monteiro da Costa  
e Eduardo A. Dias, colaborador.

## Projecto de estabilidade

Manuel Gaspar, eng.

## Instalações técnicas

Guilherme de Oliveira Martins,  
a. g. t. de eng.  
Luís Vieira Pinto, eng.: ar condicionado

Manuel Bivar, eng.:  
consultor de acústica

Rui Martins e Hernâni Martins:  
equipamento cénico.

Manuel Azevedo Coutinho,  
arq. paisagista

## Esculturas

Jorge Vieira  
Lagoa Henriques  
António Duarte

## Cerâmicas

Querubim Lapa  
Fred Kradofer

## Tapeçarias

Maria Keil  
Querubim Lapa  
Fred Kradofer

## Proprietário

Estoril-Sol, SARL

1. Grande Hall. Decorador: José Espinho.

Pavimento em mármore polido, de cor verde - «casino». Tecto branco pintado a «perplex». Iluminação com elementos de cristal embutidos no tecto. Vãos para o pátio ajardinado em caixilharia de alumínio na cor natural. Cortinados transparentes em «dralon» cor pérola. Tapetes de execução manual de cor lilás e azul-mesclado.

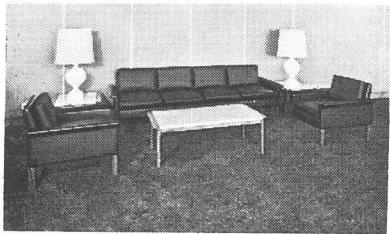
Em primeiro plano: motivo escultórico de autoria de Jorge Vieira.

2. Bar do Grande Hall. Decorador: José Espinho.

Paredes em mármore verde - «castelo». Balcão em madeira de nogueira americana com painéis de cobre polido. Bancos giratórios com estrutura em aço inox e coxins em «skay» de cor verde-seco. Poltronas e banquetas em madeira de nogueira americana, estofadas a «skay». Iluminação com elementos suspensos de cobre polido e plexiglass.

3. Bar dos Salões de Jogo. Decorador: José Espinho.

Paredes: painéis de nogueira americana. Tecto em reguado de madeira pintado a esmalte «casca d'ovo» de cor marfim. Pavimento em alcatifa de lã. Balcão em madeira de nogueira americana com almofadas de cobre martelado. Pilares revestidos em aço inox. Bancos do bar e poltronas em madeira de carvalho. Mesas com pés em cobre e tampo em madeira de nogueira.



5, 6 e 7



1



2



3



4

4. Salão de Jogos. Decorador: José Espinho.

Tecto com pintura projectada «perplex» de cor branca. Lustres de cristal. Paredes forradas com painéis de nogueira americana. Cadeiras em madeira de carvalho estofadas em «skay». Pavimento: alcatifa de cor vermelho-mesclada. Reposteiros em veludo de linho.

5. Grande Hall. Aspecto parcial de um grupo de assentos. Desenho de José Espinho.

Sofás e poltronas: estrutura em madeira de nogueira encerada; estofos em espuma de latex: revestimento em «skay» e veludo de lã. Mesas: estrutura em madeira de nogueira e tampo em mármore azulino-dourado.

6. Vestíbulo do Cine-Teatro. Aspecto parcial de um grupo de assentos. Desenho: José Espinho.

Sofás e poltronas: estrutura em madeira de nogueira, estofos em espuma de latex e coxins em lã de «dacron»; revestimento em «skay» preto. Mesas em madeira de nogueira com tampo em mármore polido azulino-dourado.

7. Poltrona. Desenho: José Espinho.



1. «Boîte» «Wonder-Bar» Decorador: Daciano da Costa  
Paredes estucadas com guarnições de madeira, ambas lacadas a esmalte em dois tons de vermelho. Tecto em reguado de madeira lacada a esmalte de cor púrpura. Elementos semicirculares, suspensos do tecto, em alumínio igualmente lacado a esmalte laranja.

Armaduras de iluminação embutidas no tecto. Reposteiros em veludo de linho vermelho. Pavimento em alcatifa de lã. Iluminação de cena colocada em sanca entre os dois planos do tecto.

2. e 3. Dois aspectos da escada de acesso à «Boîte». Decorador: Daciano da Costa.

Discos de alumínio suspensos do tecto de réguas de madeira. Paredes com painéis de napa. Pavimento em alcatifa de lã. Iluminação integrada no corrimão e em sancas no tecto. Porta em vidro temperado com guarnição de napa sobre espuma.

4. e 5. «Boîte». Mobiliário. Desenho de Daciano da Costa.

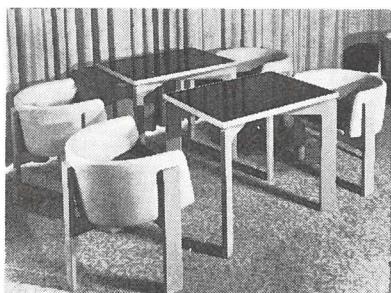
Mesas em madeira lacada a esmalte vermelho. Tampos em termolaminado preto. Cadeiras em madeira lacada e estofos em espuma de «latex» sobre contraplacado moldado. Forro em napa. Coxins em lã de «dacron» forrados a napa.

6. Cine-Teatro. Escada e portas de acesso. Decorador: Daciano da Costa.

Escada revestida com alcatifa de lã e corrimão em madeira de carvalho e vidro temperado. Portas estofadas a napa preta.

1

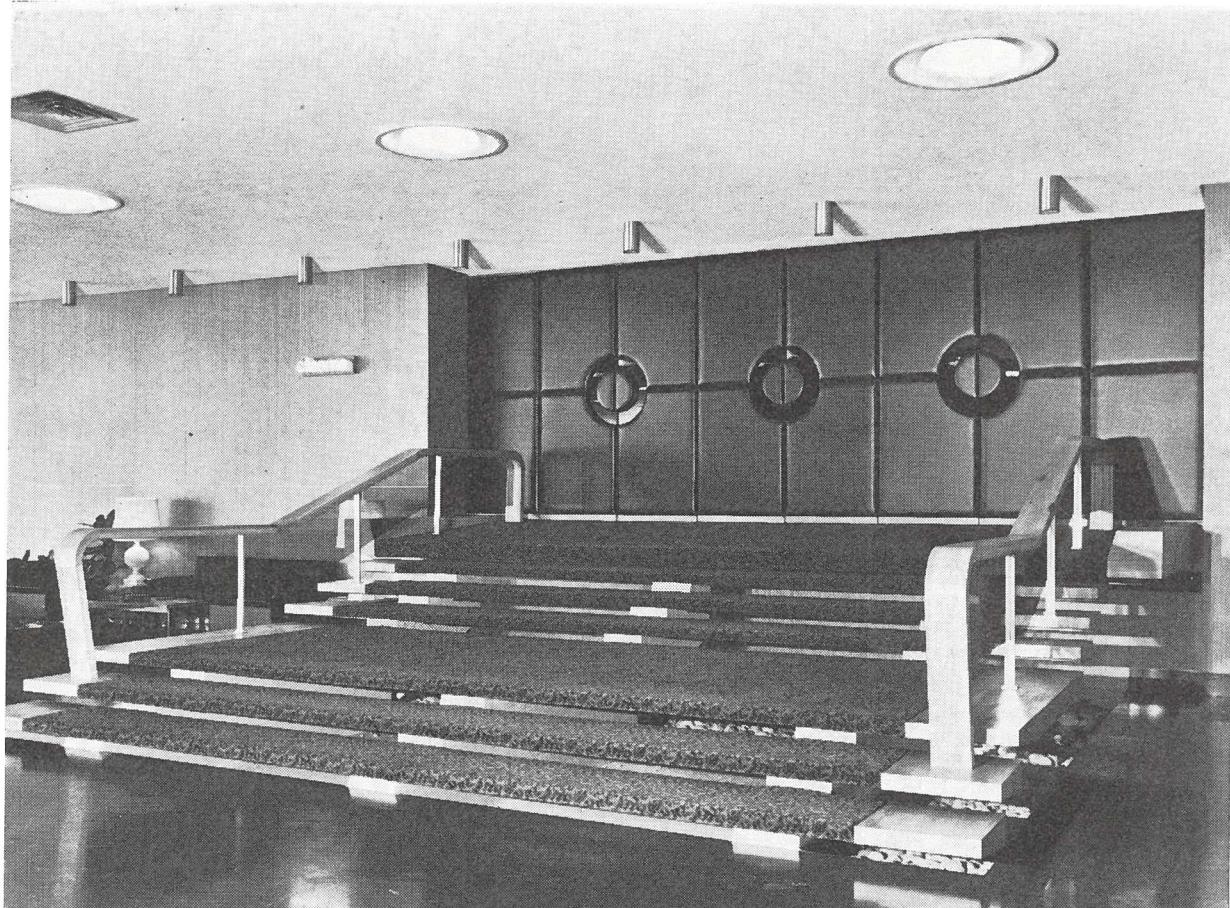




4



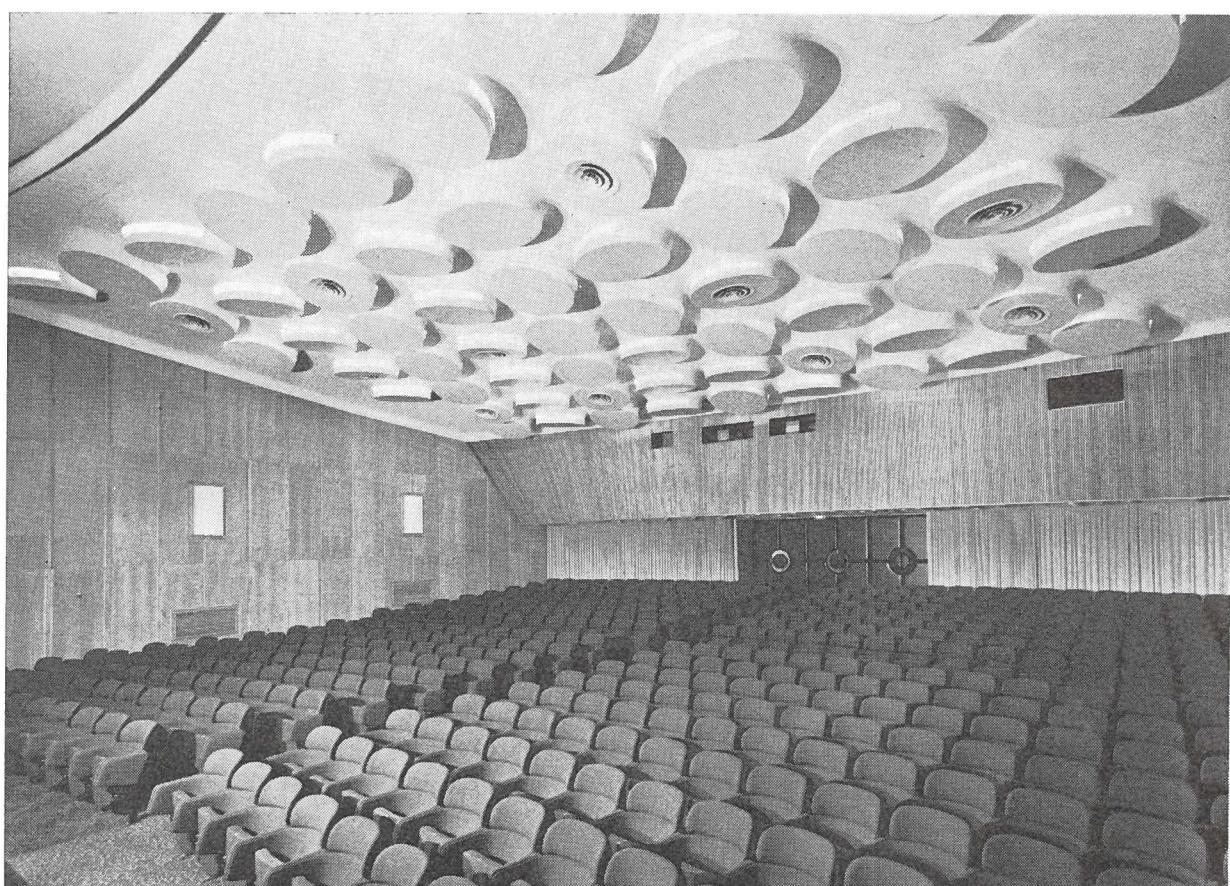
5



6



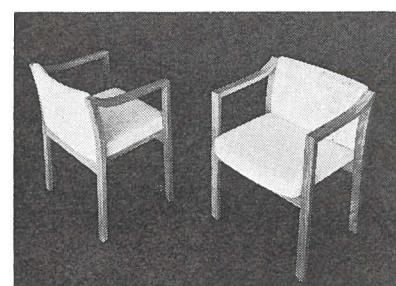
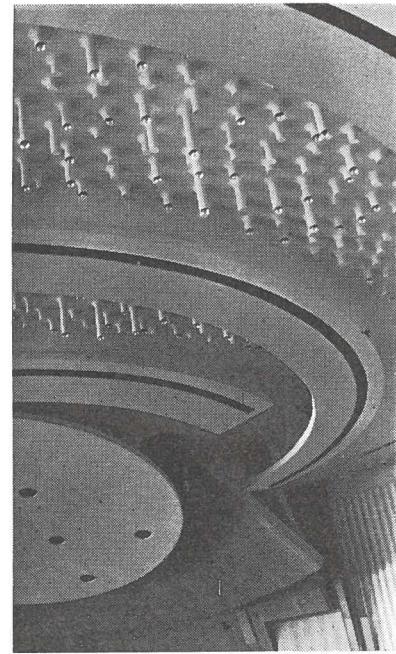
7



8



Fotos de Horácio Novais



1. Grande Salão Restaurante. Decorador: Daciano da Costa. Tecto em elementos de gesso moldado em zonas de iluminação decorativa (3 cores com graduação) alterando com sancas circulares para projectores de iluminação de cena. Sobre o estrado elevatório painéis circulares e cónicos para reflexão acústica. Paredes em elementos canelados, moldados em gesso, alternando com réguas «Dampa» de correção acústica. Lambris estofado a napa. Pavimento em alcatifa de lã. Reposteiros em veludo de linho. Cabine de controle destacada sobre a entrada.
2. Aspecto do pormenor do tecto do Salão Restaurante.
- 3 e 4. Cadeiras do Salão Restaurante, Desenho: Daciano da Costa. Estrutura em madeira de carvalho. Estofo em espuma de «latex» sobre precintas de borracha. Forro em napa branca.